

EDUCAÇÃO INCLUSIVA  
E CONTEXTO SOCIAL:  
QUESTÕES CONTEMPORÂNEAS 2

Willian Douglas Guilherme  
(Organizador)



Atena  
Editora  
Ano 2019

Willian Douglas Guilherme  
(Organizador)

# Educação Inclusiva e Contexto Social Questões Contemporâneas 2

Atena Editora  
2019

2019 by Atena Editora  
Copyright © Atena Editora  
Copyright do Texto © 2019 Os Autores  
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora  
Editora Executiva: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Antonella Carvalho de Oliveira  
Diagramação: Lorena Prestes  
Edição de Arte: Lorena Prestes  
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

### **Conselho Editorial**

#### **Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

#### **Ciências Biológicas e da Saúde**

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

### **Ciências Exatas e da Terra e Engenharias**

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

### **Conselho Técnico Científico**

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo  
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba  
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico  
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará  
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista  
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia  
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal  
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

<b>Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)</b>	
E24	Educação inclusiva e contexto social [recurso eletrônico] : questões contemporâneas 2 / Organizador Willian Douglas Guilherme. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (Educação Inclusiva e Contexto Social. Questões Contemporâneas; v. 2)  Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-434-4 DOI 10.22533/at.ed.344192506  1. Educação e Estado – Brasil. 2. Educação – Aspectos sociais. 3. Educação inclusiva. I. Guilherme, Willian Douglas. II. Série. CDD 379.81
<b>Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422</b>	

Atena Editora  
Ponta Grossa – Paraná - Brasil  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
contato@atenaeditora.com.br

## APRESENTAÇÃO

O livro “Educação Inclusiva e Contexto Social: Questões Contemporâneas” foi dividido nos Volumes 1 e 2, totalizando 56 artigos de pesquisadores de diversas instituições de ensino superior do Brasil. O objetivo de organizar esta coleção foi o de divulgar relatos e pesquisas que apresentassem e discutissem caminhos para uma educação inclusiva permeando contextos sociais distintos.

Neste Volume 2, são 30 artigos agrupados em torno de três temáticas principais. São elas: “Deficiência intelectual e inclusão educacional”, “Cegos, surdos e vivências no ambiente escolar” e “Diversidade da educação inclusiva”. Esta coleção é um convite à leitura, pesquisa e a troca de experiências.

No Volume 1 “A educação inclusiva e os contextos escolares”, são 26 artigos que apresentam discussões partindo da formação de professores à aplicação de políticas públicas voltadas para a educação inclusiva, não somente da inclusão dos sujeitos com algum grau de deficiência física ou mental, mas também, a partir da inclusão, por exemplo, por meio da pedagogia hospitalar, do jovem e adulto e dos “superdotados”.

Entregamos ao leitor o Volume 2 do livro “Educação Inclusiva e Contexto Social: Questões Contemporâneas”, com a intenção de divulgar o conhecimento científico e cooperar com o diálogo acadêmico na direção de uma educação cada vez mais inclusiva.

Boa leitura!

Willian Douglas Guilherme

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
A INTERVENÇÃO PROPRIOCEPTIVA: A APLICAÇÃO DA METODOLOGIA SNOEZELEN EM CRIANÇAS COM TEA, PC E ATRASO NO DESENVOLVIMENTO NEUROPSICOMOTOR	
Cristiane Gonçalves Ribas Daiara Daiane de Almeida Juliana Anton	
<b>DOI 10.22533/at.ed.3441925061</b>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>18</b>
ADAPTAÇÃO CURRICULAR EM MATEMÁTICA PARA O PROCESSO DE INCLUSÃO DE CRIANÇAS COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL EM ESCOLAS REGULARES	
Graziele Carolina de Almeida Marcolin Luana Taik Cardozo Tavares Alan Rodrigues de Souza Kíssia Kene Salatiel Meiry Aparecida Oliveira Vieira Lucilene Cristiane Silva Fernandes Reis Érica Gonçalves Campos Débora Paula Ferreira Jéssica Aparecida Rodrigues Santos Rozangela Pinto da Rocha Camila Neiva de Moura	
<b>DOI 10.22533/at.ed.3441925062</b>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>24</b>
ATIVIDADE LÚDICA COM RUBIK'S CUBE (CUBO MÁGICO) NO DESENVOLVIMENTO DA ATENÇÃO, CONCENTRAÇÃO E HABILIDADES COGNITIVO-COMPORTAMENTAIS EM PESSOA COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL MODERADA	
David Martins Campos Adriano de Souza Alves Maria do Carmo Tito Teixeira Tania Maria Lima Lopes	
<b>DOI 10.22533/at.ed.3441925063</b>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>30</b>
INTERAÇÃO DE ALUNOS COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL EM ATIVIDADES FÍSICAS ESPORTIVAS NA APAE ESCOLA "MOLEQUE SABIDO" NO MUNICÍPIO DE ENTRE RIOS DE MINAS – MG: ESTUDO DE CASO	
Graziele Carolina de Almeida Marcolin Luana Taik Cardozo Tavares Alan Rodrigues de Souza Kíssia Kene Salatiel Meiry Aparecida Oliveira Vieira Lucilene Cristiane Silva Fernandes Reis Érica Gonçalves Campos Débora Paula Ferreira Jéssica Aparecida Rodrigues Santos Rozangela Pinto da Rocha Camila Neiva de Moura	
<b>DOI 10.22533/at.ed.3441925064</b>	

**CAPÍTULO 5 ..... 36**

AS TECNOLOGIAS COMO AUXÍLIO NO ENSINO DE MATEMÁTICA PARA ALUNOS COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL

Sandra Mello de Menezes Felix de Souza  
Maria de Fátima de Oliveira Freitas Barbosa  
Dagmar de Mello e Silva

**DOI 10.22533/at.ed.3441925065**

**CAPÍTULO 6 ..... 43**

CONTRIBUIÇÕES DOS JOGOS NO ENSINO DE CRIANÇAS COM SÍNDROME DE DOWN QUE APRESENTAM DIFICULDADES NA AQUISIÇÃO DE CONCEITOS MATEMÁTICOS

Grazielle Carolina de Almeida Marcolin  
Luana Taik Cardozo Tavares  
Alan Rodrigues de Souza  
Kíssia Kene Salatíel  
Meiry Aparecida Oliveira Vieira  
Lucilene Cristiane Silva Fernandes Reis  
Érica Gonçalves Campos  
Débora Paula Ferreira  
Jéssica Aparecida Rodrigues Santos  
Rozangela Pinto da Rocha  
Camila Neiva de Moura

**DOI 10.22533/at.ed.3441925066**

**CAPÍTULO 7 ..... 50**

EDUCAÇÃO ESPECIAL, DEFICIÊNCIA INTELECTUAL E NECESSIDADE DE APOIO: CONCEITOS E POSSIBILIDADES

Elisiane Perufo Alles  
Sabrina Fernandes de Castro  
Iasmin Zanchi Boueri

**DOI 10.22533/at.ed.3441925067**

**CAPÍTULO 8 ..... 67**

EDUCANDOS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA E A EDUCAÇÃO FÍSICA: UMA EXPERIÊNCIA POR MEIO DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO OBRIGATÓRIO DA UEG/ ESEFFEGO

Vicente Paulo Batista Dalla Déa  
Samuel Gomes de Souza  
Bruno Azevedo de Mello  
Bruna Teodora Zizi Pais

**DOI 10.22533/at.ed.3441925068**

**CAPÍTULO 9 ..... 77**

ESCOLARIZAÇÃO DA CRIANÇA COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Maria Aparecida Ferreira de Paiva  
Andréia Maria de Oliveira Teixeira  
Eliana Cristina Pedroso  
Andréa Rizzo dos Santos

**DOI 10.22533/at.ed.3441925069**

**CAPÍTULO 10 ..... 85**

ESTRATÉGIAS DIDÁTICO-METODOLÓGICAS INCLUSIVAS PARA ESTUDANTE COM SÍNDROME DE LANDAU-KLEFFNER

Janine Cecília Gonçalves Peixoto

<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>96</b>
FATORES FACILITADORES E BARREIRAS DO PROCESSO DE INCLUSÃO DE CRIANÇAS COM PARALISIA CEREBRAL EM ESCOLAS DA REDE REGULAR DE ENSINO	
Graziele Carolina de Almeida Marcolin Marisa Cotta Mancini Luana Taik Cardozo Tavares Alan Rodrigues de Souza Kíssia Kene Salatiel Meiry Aparecida Oliveira Vieira Lucilene Cristiane Silva Fernandes Reis Érica Gonçalves Campos Débora Paula Ferreira Jéssica Aparecida Rodrigues Santos Rozangela Pinto da Rocha Camila Neiva de Moura	
DOI 10.22533/at.ed.34419250611	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>105</b>
OS IDIOMAS DO APRENDENTE: ADAPTAÇÃO DE LIVROS DIDÁTICOS EM LÍNGUA ESPANHOLA PARA ALUNOS COM SÍNDROME DE DOWN	
Natalia Regiane Dourado Leme Parmegiani	
DOI 10.22533/at.ed.34419250612	
<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>117</b>
O ENSINO DA MATEMÁTICA PARA ALUNOS COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL NOS ANOS INICIAIS DA EDUCAÇÃO BÁSICA	
Leandro Teles Antunes dos Santos Karina Ferreira de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.34419250613	
<b>CAPÍTULO 14</b> .....	<b>128</b>
TESTE DE VERIFICAÇÃO PARA HIPÓTESE DO NÍVEL SILÁBICO: VIABILIZANDO A APRENDIZAGEM DOS DEFICIENTES INTELECTUAIS NA APAE DE CONSELHEIRO LAFAIETE	
Julia Marcelina Ferreira de Melo Pereira	
DOI 10.22533/at.ed.34419250614	
<b>CAPÍTULO 15</b> .....	<b>135</b>
TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA: DESORDEM NO PROCESSAMENTO SENSORIAL E INTERFERÊNCIAS NO COTIDIANO ESCOLAR	
Joana da Rocha Moreira Allan Rocha Damasceno Rosangela Costa Soares Cabral Célia Regina Machado Jannuzzi Loureiro	
DOI 10.22533/at.ed.34419250615	
<b>CAPÍTULO 16</b> .....	<b>147</b>
TRANSTORNO DO ESPECTRO DO AUTISMO (2012-2018): UM OLHAR INVESTIGATIVO SOBRE O VIÉS DO ESTADO DO CONHECIMENTO	
Emne Mourad Boufleur Morgana de Fátima Agostini Martins	



Priscila de Carvalho Acosta  
Roseli Áurea Soares Sanches  
DOI 10.22533/at.ed.34419250616

**CAPÍTULO 17 ..... 162**

CONCEITOS MATEMÁTICOS SOBRE ESPAÇO E FORMA NECESSÁRIOS PARA A ORIENTAÇÃO E MOBILIDADE DE ESTUDANTES CEGOS

Eliziane de Fátima Alvaristo  
Renato Hallal

DOI 10.22533/at.ed.34419250617

**CAPÍTULO 18 ..... 176**

CONCEPÇÕES E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DE PROFESSORES: UM ESTUDO SOBRE AFETIVIDADE E INCLUSÃO DE CRIANÇAS CEGAS

Leida Raasch  
Rita de Cássia Cristofoleti

DOI 10.22533/at.ed.34419250618

**CAPÍTULO 19 ..... 185**

MUSICOTERAPIA NA INCLUSÃO DE DEFICIENTES AUDITIVOS: UM ESTUDO DE CASO NA SALA DE RECURSOS MULTIFUNCIONAIS DO MUNICÍPIO DE JECEABA – MG

Grazielle Carolina de Almeida Marcolin  
Luana Taik Cardozo Tavares  
Alan Rodrigues de Souza  
Kíssia Kene Salatiel  
Meiry Aparecida Oliveira Vieira  
Lucilene Cristiane Silva Fernandes Reis  
Érica Gonçalves Campos  
Débora Paula Ferreira  
Jéssica Aparecida Rodrigues Santos  
Rozangela Pinto da Rocha  
Camila Neiva de Moura

DOI 10.22533/at.ed.34419250619

**CAPÍTULO 20 ..... 193**

ENSINO DE LEITURA E ESCRITA DE ALUNOS SURDOS ESTUDANTES DO ENSINO FUNDAMENTAL: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Mariana Gonçalves Ferreira de Castro  
Kátia Regina de O. R. P. Santos

DOI 10.22533/at.ed.34419250620

**CAPÍTULO 21 ..... 207**

PESSOAS SURDAS: DIREITO À ACESSIBILIDADE E OUTRAS CONQUISTAS

Dhenny Kétully Santos Silva Aguiar  
Norma Aparecida Costa dos Santos  
Dheimy Tarllyson Santos Silva

DOI 10.22533/at.ed.34419250621

**CAPÍTULO 22 ..... 217**

“INCLUSÃO CONTRÁRIA” E AS NARRATIVAS E EXPERIÊNCIAS DOCENTES NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Rosangela Costa Soares Cabral  
Allan Rocha Damasceno  
Joana da Rocha Moreira

<b>CAPÍTULO 23</b> .....	<b>228</b>
AVALIAÇÃO DE LACTENTES ABRIGADOS ENTRE 1 E 2 ANOS E 6 MESES DE IDADE NAS ÁREAS PESSOAL-SOCIAL, MOTOR FINO ADAPTATIVO, LINGUAGEM E MOTOR GROSSO	
Fátima Carina Benini Bocuto Thais Invenção Cabral Eloisa Tudella Andrea Baraldi Cunha	
DOI 10.22533/at.ed.34419250623	
<b>CAPÍTULO 24</b> .....	<b>237</b>
CONSTRUINDO PAREDES INCLUSIVAS SOB O OLHAR DO GESTOR DEMOCRÁTICO	
Arliza Landeiro Guimaraes Dalonso	
DOI 10.22533/at.ed.34419250624	
<b>CAPÍTULO 25</b> .....	<b>248</b>
O ALUNO DISLÉXICO NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO ESPECIAL	
Marília Piazzzi Seno Simone Aparecida Capellini	
DOI 10.22533/at.ed.34419250625	
<b>CAPÍTULO 26</b> .....	<b>257</b>
ABORDAGEM METODOLÓGICA SOBRE A SEMANA SANTA EM LÍNGUA INGLESA EM SALA DE AULA	
Ana Kécia da Silva Costa	
DOI 10.22533/at.ed.34419250626	
<b>CAPÍTULO 27</b> .....	<b>263</b>
DO ORALISMO AO BILINGUISMO: O MOVIMENTO DA LEGISLAÇÃO E POLÍTICAS PÚBLICAS BRASILEIRAS	
Clélia Maria Ignatius Nogueira Maria Lucia Panossian Beatriz Ignatius Nogueira Soares	
DOI 10.22533/at.ed.34419250627	
<b>CAPÍTULO 28</b> .....	<b>274</b>
EDUCAÇÃO PARA IMIGRANTES E CULTURAS LATINO - AMERICANAS: O DIÁLOGO INTERCULTURAL NA FORMAÇÃO CONTINUADA EM SÃO PAULO	
Adriana de Carvalho Alves Braga Cristiane Santana Silva	
DOI 10.22533/at.ed.34419250628	
<b>CAPÍTULO 29</b> .....	<b>290</b>
EDUCAÇÃO, DIVERSIDADE E INCLUSÃO: OFICINA DE MEMÓRIA E APOIO PEDAGÓGICO PARA JOVENS E ADULTOS COM SÍNDROME DE DOWN	
Neila Santos Brandão, Sérgio Adriany Santos Moreira	
DOI 10.22533/at.ed.34419250629	

<b>CAPÍTULO 30 .....</b>	<b>300</b>
O OLHAR DOS PROFESSORES EM RELAÇÃO À INCLUSÃO DOS SURDOS NO ENSINO REGULAR	
Liliane Viana Soares	
Patrícia Siqueira dos Santos	
Eleny Brandão Cavalcante	
DOI 10.22533/at.ed.34419250630	
<b>SOBRE O ORGANIZADOR.....</b>	<b>312</b>

## TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA: DESORDEM NO PROCESSAMENTO SENSORIAL E INTERFERÊNCIAS NO COTIDIANO ESCOLAR

### **Joana da Rocha Moreira**

UFRRJ– Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro/ Programa de Pós Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares (PPGEDUC)  
Seropédica - RJ

### **Allan Rocha Damasceno**

UFRRJ– Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro/ Programa de Pós Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares (PPGEDUC)  
Seropédica - RJ

### **Rosangela Costa Soares Cabral**

UFRRJ– Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro/ Programa de Pós Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares (PPGEDUC)  
Seropédica - RJ

### **Célia Regina Machado Jannuzzi Loureiro**

UFRRJ– Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro/ Programa de Pós Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares (PPGEDUC)  
Seropédica - RJ

**RESUMO:** Esta pesquisa teve como objetivo identificar a interferência da desordem no processamento sensorial de alunos com TEA no comportamento ou aprendizagem dos alunos no ambiente escolar. As análises foram feitas através de observação em diferentes momentos

e espaços; o posicionamento dos alunos através da comunicação oral; comunicação alternativa e ampliada; ou expressões e comportamentos diante de atividades escolares. Foram feitos registros através de vídeo, áudio e fotografias. A base do referencial teórico-metodológico foi através da Teoria Crítica. Os resultados indicaram que os estudantes que apresentam essa especificidade foram prejudicados por estímulos comuns no ambiente escolar, mas que são excessivos para eles. Conseqüentemente faz-se necessário uma reestruturação no modelo educacional para que o sistema de ensino venha a ser inclusivo para todos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Transtorno do Espectro Autista – Processamento sensorial – Inclusão

**ABSTRACT:** This research aimed to identify the interference of the disorder in the sensory processing of students with ASD in the behavior or learning of students in the school environment. The analyzes were made through observation at different times and spaces; the positioning of students through oral communication; alternative and expanded communication; or expressions and behaviors in front of school activities. Records were made through video, audio and photographs. The basis of the theoretical-methodological referential was through the Critical Theory. The results indicated that students who exhibit this specificity were

impaired by stimuli common in the school environment, but which are excessive for them. Consequently, it is necessary to restructure the educational model so that the education system becomes inclusive for all.

**KEYWORDS:** Autistic Spectrum Disorder - Sensory Processing - Inclusion

## INTRODUÇÃO

A escolarização das pessoas com deficiência começou na época do império com a criação do Instituto Benjamin Constant (IBC). Em seguida outras instituições que são renomadas até hoje, foram criadas como o Instituto Nacional de Educação para Surdos (INES). Durante algumas décadas a escolarização de alunos com comprometimento ocorreu de forma segregada aos demais. A escola era tradicional, possuía seus conteúdos a serem ensinados e aqueles que não conseguiam compreender ou acompanhar o ensino ficavam reprovados e muitas vezes abandonavam a escola. Cabe frisar que estar na escola era privilégio porque o ensino não era universal.

Após muitas décadas a escola foi ampliando o acesso e repensando algumas práticas, uma delas é a segregação da educação especial que gradativamente deixou de ser trabalhada à parte da educação comum. Há um pouco mais de duas décadas a escola regular passou a atender alunos com deficiência e há um decênio o Plano Nacional de Educação Especial na Perspectiva Inclusiva orienta a modalidade e a educação nacional.

A escola atualmente ainda tem o desafio de atender a diversidade porque as políticas constantemente reafirmam o direito educação sem qualquer exceção, mas não apresentam preocupações em adequar o cotidiano da escola para que este seja mais eficaz na escolarização e formação de todos os alunos. Democratizar o acesso exige adequações!

O processo de inclusão escolar enfrenta inúmeros desafios, mas os casos que apresentam maiores receios e anseio são os alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA). As afirmações mais presentes estão acerca do das atitudes diante de uma alteração comportamental e a dificuldade na comunicação. Os profissionais que atuam com pessoas com Transtorno do Espectro Autista de forma atenta e cuidadosa, são capazes de perceber as situações que são propícias para desencadear crises.

As observações realizadas atentamente por famílias e profissionais sugerem que a desordem no processamento sensorial é responsável por algumas situações que costumam ser colocadas pelas pessoas como sem motivo aparente. A escola é um ambiente altamente ruidoso, com muitos sons que não podem ser antecipados fazendo com que o espaço escolar se torna um local de difícil permanência porque não houve as adequações necessárias para receber os alunos.

A escola que trabalha com perspectivas que consideram os alunos com parte fundamental para o funcionamento e crescimento da escola, se diferencia de escolas tradicionais onde o professor é o transmissor de conteúdos e os alunos meros receptores

que devem entrar na fila, formar e se encaminhar para sala para ouvir atentamente, copiar as atividades do quadro e não se manifestar. O processo de se “libertar”, quando se vive em uma sociedade ou família que reprime, ocorre gradativamente e não é simples. Formar um cidadão que tenha consciência de seu papel e que respeite o outro pode parecer questões simples, mas diante da realidade na qual as crianças estão inseridas não é.

A educação já não diz respeito meramente à formação da consciência de si, ao aperfeiçoamento moral, à conscientização. É preciso escapar das armadilhas de um enfoque “subjetivista” da subjetividade na sociedade capitalista burguesa. A “consciência” já não seria apreendida como constituída no plano das representações, sejam idéias oriundas da percepção ou da imaginação, ou da razão moral. A consciência já não seria “de”, mas ela “é”. Seria apreendida como sendo experiência objetiva na interação social e na relação com a natureza, ou seja, no âmbito do trabalho social. (ADORNO, 1995, p.16)

As instituições escolares têm como objetivo ensinar os conhecimentos oriundos de pesquisas, descobertas da academia, enfim os saberes que propiciarão desenvolvimento do estudante. Entretanto a função não se limita apenas a essa atribuição, é preciso contextualizar esse conhecimento, problematizar a realidade, despertar a consciência e a cidadania.

## **DESVENDANDO O TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA**

O universo do Transtorno do Espectro Autista está com uma quantidade significativa de pesquisa em diferentes áreas do conhecimento, as que apresentam o maior quantitativo são: Medicina, Psiquiatria, Educação e Nutrição. Tanto as pesquisas concluídas como as que estão em andamento contribuem, mesmo que parcialmente, para a solidez que se almeja no que cerne as causa, descrição para diagnóstico e tratamentos para as pessoas com TEA.

Pode-se considerar o diagnóstico do Transtorno do Espectro Autista como algo recente na história tendo em vista que: “O diagnóstico de autismo é de 1943, quando Leo Kanner, médico da Universidade Johns Hopkins e pioneiro da psiquiatria infantil, o propôs em um artigo. (Grandin e Panek 2015 P.11)

As características das pessoas com Transtorno do Espectro Autista são muito diversas e dificilmente se encontra um com as mesmas características que o outro. Existem as descrições do DSM5 ou CID10 que os atribuem os diagnósticos. Os médicos brasileiros utilizam o CID, mas as pesquisas utilizam O DSM.

Nesta pesquisa foi utilizada a descrição do DSM5 porque além de ser o mais usado para pesquisa também está mais atualizado. O CID (classificação estatística internacional de doenças e problemas associados a saúde) 10 ainda tem o diagnóstico do Transtorno Global do Desenvolvimento subdividido em: Autismo Infantil, Autismo Atípico, Síndrome de Rett, Outro Transtorno Desintegrativo da Infância, Transtorno com Hipercinesia Associada a Retardo Mental e a Movimentos Estereotipados, Síndrome

de Asperger, Outros Transtornos Globais do Desenvolvimento e Transtornos Globais não Especificados do Desenvolvimento (TID SOE).

O CID 11 já foi publicado, mas tem previsão de ser apresentada na Assembleia Mundial de Saúde em 2019 e entrar em vigor em 2022. Assim sendo o DSM-5 (Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais) descreve o TEA assim:

A. Déficits persistentes na comunicação social e na interação social em múltiplos contextos, conforme manifestado pelo que segue, atualmente ou por história prévia (os exemplos são apenas ilustrativos, e não exaustivos; ver o texto):

1. Déficits na reciprocidade socioemocional, variando, por exemplo, de abordagem social anormal e dificuldade para estabelecer uma conversa normal a compartilhamento reduzido de interesses, emoções ou afeto, a dificuldade para iniciar ou responder a interações sociais.

2. Déficits nos comportamentos comunicativos não verbais usados para interação social, variando, por exemplo, de comunicação verbal e não verbal pouco integrada a anormalidade no contato visual e linguagem corporal ou déficits na compreensão e uso gestos, a ausência total de expressões faciais e comunicação não verbal.

3. Déficits para desenvolver, manter e compreender relacionamentos, variando, por exemplo, de dificuldade em ajustar o comportamento para se adequar a contextos sociais diversos a dificuldade em compartilhar brincadeiras imaginativas ou em fazer amigos, a ausência de interesse por pares. Especificar a gravidade atual: A gravidade baseia-se em prejuízos na comunicação social e em padrões de comportamento restritos e repetitivos (ver Tabela 2).

B. Padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses ou atividades, conforme manifestado por pelo menos dois dos seguintes, atualmente ou por história prévia (os exemplos são apenas ilustrativos, e não exaustivos; ver o texto):

1. Movimentos motores, uso de objetos ou fala estereotipados ou repetitivos (p. ex., estereotípias motoras simples, alinhar brinquedos ou girar objetos, ecolalia, frases idiossincráticas).

2. Insistência nas mesmas coisas, adesão inflexível a rotinas ou padrões ritualizados de comportamento verbal ou não verbal (p. ex., sofrimento extremo em relação a pequenas mudanças, dificuldades com transições, padrões rígidos de pensamento, rituais de saudação, necessidade de fazer o mesmo caminho ou ingerir os mesmos alimentos diariamente).

3. Interesses fixos e altamente restritos que são anormais em intensidade ou foco (p. ex., forte apego a ou preocupação com objetos incomuns, interesses excessivamente circunscritos ou perseverativos).

4. Hiper ou hiporreatividade a estímulos sensoriais ou interesse incomum por aspectos sensoriais do ambiente (p. ex., indiferença aparente a dor/temperatura, reação contrária a sons ou texturas específicas, cheirar ou tocar objetos de forma excessiva, fascinação visual por luzes ou movimento). Especificar a gravidade atual: A gravidade baseia-se em prejuízos na comunicação social e em padrões restritos ou repetitivos de comportamento (ver Tabela 2).

C. Os sintomas devem estar presentes precocemente no período do desenvolvimento

(mas podem não se tornar plenamente manifestos até que as demandas sociais excedam as capacidades limitadas ou podem ser mascarados por estratégias aprendidas mais tarde na vida).

D. Os sintomas causam prejuízo clinicamente significativo no funcionamento social, profissional ou em outras áreas importantes da vida do indivíduo no presente.  
E. Essas perturbações não são mais bem explicadas por deficiência intelectual (transtorno do desenvolvimento intelectual) ou por atraso global do desenvolvimento. Deficiência intelectual ou transtorno do espectro autista costumam ser comórbidos; para fazer o diagnóstico da comorbidade de transtorno do espectro autista e deficiência intelectual, a comunicação social deve estar abaixo do esperado para o nível geral do desenvolvimento.

Perante o conhecimento que se tem daquele ser único, respeitando sua individualidade, suas especificidades e necessidades é que a escola deve planejar suas atividades e rotinas. O Planejamento Educacional Individualizado (PEI) é a forma que se tem de estimular o aluno dentro de seu momento de aprendizagem e buscar o seu desenvolvimento de forma holística, não se preocupando exclusivamente com conteúdos. A educação assim não cumpre só o papel de ensinar conteúdos, mas também trabalha na formação dos educandos de forma plena. Incluir é aprender a lidar com as diferenças, é desenvolver a formação humana de todos e buscar a desbarbarização que a sociedade precisa.

Em uma colocação de Theodor Adorno sobre o tratamento da população com as pessoas da área rural, podem ser transpostas na relação da sociedade com as pessoas com deficiência.

Penso até que a desbarbarização do campo constitui um dos objetivos educacionais mais importantes. Evidentemente ela pressupõe um estudo da consciência e do inconsciente da respectiva população. Sobretudo é preciso atentar ao impacto dos modernos meios de comunicação de massa sobre um estado de consciência que ainda não atingiu o nível do liberalismo cultural burguês do século XIX. (ADORNO, 1995, p. 126)

O processo de conscientização é intrínseco e cada pessoa tem o seu tempo para atingir a níveis que permitam que a pessoa esteja apta a fazer uma contribuição justa para a sociedade. Porém não há como acelerar esse processo através do choro ou do grito porque sem o amadurecimento será uma falsa consciência. Além disso, as pessoas necessitam de equilíbrio em seus posicionamentos porque se houver desequilíbrio um lado será beneficiado em detrimento do prejuízo de outro.

Os profissionais da escola precisam mediar relações diariamente e o posicionamento deles diante do processo de inclusão exige a busca desse equilíbrio porque a o aluno com deficiência é posto em uma estrutura que não está apta a recebê-lo e assim o professor precisa atender a ele e aos demais alunos. A inclusão em turmas de ensino regular é o que se recomenda na legislação nacional e nas discussões ideológicas. Porém essa não é a única forma de escolarização. Existem alunos que são encaminhados para as classes especiais que atualmente são consideradas segregadas e vistas como o oposto da inclusão.



## INTERFERÊNCIA NO COTIDIANO ESCOLAR

Essa pesquisa ocorreu em uma classe especial para estudantes com Transtorno do Espectro Autista em um município da Baixada Fluminense do Rio de Janeiro. Os sujeitos que foram observados e participaram da pesquisa compõem uma turma de classe especial de autismo de uma escola pública na baixada fluminense. A turma era composta por cinco alunos, quatro meninos e uma menina, com uma faixa etária variava de 8 a 14 anos.

Foram inúmeras vivências e experiências que poderiam ser relatadas e carecem de maiores estudos, mas os relatos serão relacionadas com o foco da pesquisa que é interferência da desordem sensorial no cotidiano escolar dos alunos.

A localização da sala é de suma importância para os alunos que tem alterações no processamento sensorial faz com que o ambiente seja muito ruidoso. A turma que participou da pesquisa tem sua sala no primeiro andar de frente ao refeitório, de um lado a quadra esportiva, do outro o banheiro dos professores e a janela de frente a rua com vista para o portão. Dos cinco alunos, dois apresentavam fortes reações aos sons, um apresentava incomodo e dois aparentemente não se incomodavam. Ou seja, a localização da sala afetava demasiadamente o rendimento de parte da turma.

A situação foi relatada pela professora a equipe diretiva da escola que lamentou a situação e afirmou que não havia outra solução já que a sala precisa ser no térreo porque em outro turno o espaço era usado pela classe de múltiplas deficiências e a dificuldade para se locomover ao segundo andar seria muito grande. As outras duas salas de aula ficavam no térreo, mais ao final do corredor e não poderia ser trocada porque eram da educação infantil por dois motivos: eram maiores e próximas ao banheiro.

Esse trabalho se propõe a dissertar sobre a hipersensibilidade auditiva em crianças e adolescentes com Transtorno do espectro autista, uma vez que a gente pode se ver normais ao som são amplamente citadas na literatura, mas pouco pesquisadas. considera-se fundamental o conhecimento maior deste tema, já que o mesmo influencia nos aspectos comportamentais desta população, assim como nos aspectos comunicativos. (GOMES, 2003, p.13)

Apesar de não haver muitos estudos científicos acerca da hipersensibilidade sensorial nas pessoas com TEA, existem algumas produções científicas e diversos relatos que sinalizam para esse fato.

Os resultados dessa pesquisa mostram que as manifestações comportamentais ao som não estão associadas a hipersensibilidade das vias auditivas, mas, sim, a dificuldades no processamento superior, envolvendo sistemas que comumente estão comprometidos nos pacientes do espectro autista, como o sistema límbico. O mesmo também ocorre com as outras alterações de sensibilidade e seus comportamentos associados, como o medo e distorções da realidade que são interações complexas que derivam de processamento e superiores e não de vias específicas hipersensíveis. (GOMES, 2003, p.77)

Através de observação individual foi possível perceber que o aluno que chamaremos de J. era considerado pela escola como aquele que tinha comportamento agressivo sem motivo. Através das observações é possível suspeitar que ele apresentava uma enorme sensibilidade sensorial. As desordens aconteciam principalmente quando ele recebia estímulo auditivo, mas também foram observados e testados os estímulos visuais.

A rua em que a escola foi construída apresentava uma movimentação mediana porque não é uma rua principal e afastada do centro da cidade. Uma das movimentações que ocorria com frequência era a passagem de uma linha de ônibus que fazia ponto final ao lado da escola. Toda vez que o ônibus passava em frente à sala da turma o aluno já estava de pé aguardando há aproximadamente uns 8 a 10 segundos. Em seguida, na maioria das vezes, o aluno retornava a atividade que havia ficado suspensa. A cena se repetia sempre que um ônibus passava em frente à escola. Com esse fato ficou evidente e o aluno tinha uma capacidade de perceber os sons com bastante eficiência.

J. em meio a realização de atividade tinha rompantes e socava ou batia na pessoa que estivesse mais próximo, isso também ocorria fora de sala, mas dentro dela foi possível compreender a atitude. Sons mais altos que não eram previstos faziam com que o aluno agisse dessa maneira: uma espirro, uma gargalhada, uma cadeira arrastando, um grito e o sinal do recreio são alguns exemplos. Sons altos o incomodava, mas o inesperado que causa as agressões.

Outra questão que foi observada através da experiência com J. é que a com ou estampa da vestimenta também o incomodava. As constatações com esse aluno foram observadas e quando testadas confirmaram as observações. Apesar de J. ter condições e saber oralizar, ele faz pouco uso da fala como comunicação. Quando deseja se comunicar usa cartões de comunicação alternativa e algumas palavras.

Esta situação também é conhecida como hipersensibilidade auditiva e está, sim, presente na vida de muitos autistas. O quadro pode variar dependendo da pessoa e da ocasião. Agora, vale ressaltar a dúvida de pais e educadores se tal quadro pode prejudicar de alguma forma a permanência de algum aluno em sala de aula. A preocupação é pertinente, uma vez que o ambiente escolar é diversificado e conta com períodos de calma e agitação, ainda mais em se tratando de crianças.

Primeiramente, é importante salientar que nenhuma pessoa consegue absorver conteúdos quando o ambiente é hostil. No caso do autista, isso se torna mais difícil porque ele não encontra alternativas que possam solucionar tamanho incômodo. A reação do aluno pode ser variada, tendo os surtos como o mais provável, pelo fato de não saber como se comunicar por conta da irritação.[...] No caso da sensibilidade (ou hipersensibilidade) auditiva, um ruído simples para uma audição normal pode se transformar em algo insuportável para o autista: o barulho de um tênis (a borracha do solado), o tilintar de louças, o sinal do pátio da escola, entre outros.[...] É praticamente impossível enquadrar todos os autistas em um mesmo grupo. Cada um apresenta suas características. No caso da sensibilidade também é assim. Quando uma criança demonstra uma grande irritação com barulhos impossíveis de serem evitados, a presença de uma equipe de profissionais é completamente aconselhável. (Entendendo Autismo, 2018)

Uma experiência muito significativa ocorreu com a aluna que chamaremos de T. porque através da escrita ela conseguiu expressar o que ela deseja fazer com os sons.

Foi colocado um vídeo animado de uma música chamada: “Som da Gente” do grupo Tinkuntá, disponível em um site de domínio público. Trabalhar a letra da música tinha como a proposta repensar os sons cotidianos e trabalhar questões ortográficas. A letra da música é:

Som da casa, som da gente o som da rua, som do ambiente,

Relógio, telefone, buzina, campainha,

Voz de mãe, voz de pai, voz de tia bem velhinha,

Cachorro, gato, criança, gritaria, liquidificador, gargalhadas de alegria,

som da casa, som da gente, som da rua, som do ambiente,

Ronco, prato, panela, celular, funk na panela, aniversário no outro andar,

Copo, TV, fritura na cozinha, chuveiro, secador e a descarga da vizinha. (TINKUNTA, 2014).

Quando solicitado a aluna que fizesse a escrita da música se ofertou o início da mesma da seguinte maneira: Som da casa, som...

Para enorme surpresa a aluna completou com: Vibrar silencioso! Infelizmente não é possível atender ao desejo da aluna, mas é possível perceber o quanto esses sons cotidianos a incomodam e como ela deseja silenciar a todos esses.

Existem vários relatos que têm salientado as respostas anormais aos estímulos sensorio-perceptuais, como: visual, tátil, olfativo, gustativo e principalmente auditivo em crianças autistas. Os achados das pesquisas mostraram uma predominância de hipersensibilidade ao som e ao toque. No que se refere ao aspecto auditivo, a frequência de hipersensibilidade ao som encontrada neste estudo foi de 23,9%, considerando essa uma característica clínica de escrita pelos pais/cuidadores e pelos terapeutas/professores. Este resultado está de acordo com a média dos achados da literatura que utilizamos o método clínico e que a referem como uma característica comum em crianças e adolescentes com Transtorno do espectro autista, entre 15% e 40%. Embora esses resultados sejam amplamente citados poucos são os estudos que referem a frequência. (GOMES, 2003, p.75)

O aluno A que aparentemente apresentava reações diferenciadas no comportamento ao processar estímulos sensoriais apresentou reações pouco vistas e a suspeita de que existe a busca por sensação causada pelos sentidos.

Estar em um ambiente desconfortável deixa qualquer pessoa incomodada e isso interfere em questões emocionais. Estar emocionalmente desequilibrado leva a mal estar e dificuldade de relacionamentos.

Fator emocional pode aumentar a estimulação global e causar, em algumas pessoas, aumento na percepção de estímulos visuais, auditivos, olfatórios e/ ou

dolorosos. a hipersensibilidade envolve o sistema límbico, sendo que esse sistema comumente apresentam anormalidade em sujeitos autistas. Em relação ao som, quando este provoca reações Anormais, isso resulta no estabelecimento de uma resposta reflexa subconsciente com ativação automática invariável do sistema límbico e do sistema autônomo. (GOMES, 2003, p.76-77)

**Parece um desafio impossível incluir pessoas com hipersensibilidade sensorial em um ambiente altamente ruidoso. Cabe ao sistema educacional encontrar possibilidades de tornar turmas de ensino regular um o ambiente escolar acessível a esse público. Grupo esse que representa um subgrupo que de forma singela já faz parte de diversas políticas de inclusão. A questão sensorial é descrita na Lei 12.764, mais conhecida como Lei Berenice Piana:**

§ 1º Para os efeitos desta Lei, é considerada pessoa com transtorno do espectro autista aquela portadora de síndrome clínica caracterizada na forma dos seguintes incisos I ou II:

[...]

II - padrões restritivos e repetitivos de comportamentos, interesses e atividades, manifestados por comportamentos motores ou verbais estereotipados ou por comportamentos sensoriais incomuns; excessiva aderência a rotinas e padrões de comportamento ritualizados; interesses restritos e fixos. (Brasil, 2012)

**Os registros sobre as pessoas com desordens sensoriais também são encontrados na Lei Brasileira de Inclusão, também conhecido como Estatuto da Pessoa com Deficiência, mesmo que não descritos juntamente o TEA há o reconhecimento das dificuldades e impedimentos que tal questão provoca. A lei de Nº 13.146 traz o seguinte texto:**

Art. 2º Considera-se pessoa com deficiência aquela que tem impedimento de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, o qual, em interação com uma ou mais barreiras, pode obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdade de condições com as demais pessoas.

§ 1º A avaliação da deficiência, quando necessária, será biopsicossocial, realizada por equipe multiprofissional e interdisciplinar e considerará:

I - os impedimentos nas funções e nas estruturas do corpo;

[...]

Art. 25. Os espaços dos serviços de saúde, tanto públicos quanto privados, devem assegurar o acesso da pessoa com deficiência, em conformidade com a legislação em vigor, mediante a remoção de barreiras, por meio de projetos arquitetônico, de ambientação de interior e de comunicação que atendam às especificidades das pessoas com deficiência física, sensorial, intelectual e mental.

[...]

Art. 27. A educação constitui direito da pessoa com deficiência, assegurados sistema educacional inclusivo em todos os níveis e aprendizado ao longo de toda a vida, de forma a alcançar o máximo desenvolvimento possível de seus talentos e

habilidades físicas, sensoriais, intelectuais e sociais, segundo suas características, interesses e necessidades de aprendizagem. (Brasil, 2015)

**Também é possível encontrar o respeito a essa característica na Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva com o seguinte texto:**

Consideram-se alunos com deficiência àqueles que têm impedimentos de longo prazo, de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, que em interação com diversas barreiras podem ter restringida sua participação plena e efetiva na escola e na sociedade. Os alunos com transtornos globais do desenvolvimento são aqueles que apresentam alterações qualitativas das interações sociais recíprocas e na comunicação, um repertório de interesses e atividades restrito, estereotipado e repetitivo. Incluem-se nesse grupo alunos com autismo, síndromes do espectro do autismo e psicose infantil. (Brasil, 2008)

A questão sensorial encontra-se representada em diversas legislações, cabe agora ao sistema educacional como todo garantir que a escola seja um espaço saudável para a toda a diversidade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A educação nacional tem o desafio de garantir serviços educacionais a todas as crianças e adolescentes sem qualquer distinção, inclusive as pessoas com deficiência.

Art. 27. A educação constitui direito da pessoa com deficiência, assegurados sistema educacional inclusivo em todos os níveis e aprendizado ao longo de toda a vida, de forma a alcançar o máximo desenvolvimento possível de seus talentos e habilidades físicas, sensoriais, intelectuais e sociais, segundo suas características, interesses e necessidades de aprendizagem. (Brasil, 2015)

Conseguir incluir todas as pessoas com deficiência no ambiente escolar é um desafio distante, mas que representa uma avanço não só para as pessoas com deficiência mas para a sociedade como um todo. Não podemos falar de conteúdos programáticos quando pessoas são tratadas sem dignidade. Ocorreram situações no cotidiano da escola que causa sofrimento descrever, não pelo fato dos alunos estarem em uma classe especial, porque esta pode trabalhar de forma inclusiva, mas sim por perceber como demais funcionários da escola agiam ao ver alunos da turma.

A tese que gostaria de discutir é a de que desbarbarizar tornou-se a questão mais urgente da educação hoje em dia. O problema que se impõe nesta medida é saber se por meio da educação pode-se transformar algo de decisivo em relação à barbárie. Entendo por barbárie algo muito simples, ou seja, que, estando na civilização do mais alto desenvolvimento tecnológico, as pessoas se encontrem atrasadas de um modo peculiarmente disforme em relação a sua própria civilização — e não apenas por não terem em sua arrasadora maioria experimentado a formação nos termos correspondentes ao conceito de civilização, mas também por se encontrarem tomadas por uma agressividade primitiva, um ódio primitivo ou, na terminologia culta, um impulso de destruição, que contribui para aumentar ainda mais o perigo de que toda esta civilização venha a explodir, aliás uma tendência imanente que a caracteriza. Considero tão urgente impedir isto que eu reordenaria todos os outros objetivos educacionais por esta prioridade.” (ADORNO, 1995 P. 155)

A desordem no processamento sensorial precisa ser considerado ao incluir um aluno com TEA que possua essa característica caso contrário esse aluno estará sendo

excluído e sofrendo no ambiente escolar. Provavelmente tendo comportamentos inadequados ou crises que dificultarão ainda mais o processo de inclusão.

As alterações sensório-perceptuais podem acometer até 90% dos autistas, com prevalência para as hipersensibilidades auditivas, visuais e táteis, assim como hiposensibilidade à dor<sup>6,8-10</sup>. No único estudo nacional constatou-se que 23,9% dos sujeitos autistas apresentavam hipersensibilidade auditiva e tátil, ao passo que a hiposensibilidade a dor esteve presente em 41,3% da amostra (GOMES, PEDROSO, WAGNER p.280, 2008)

Os dados indicam que a prevalência é significativa e que pode haver muitos estudante mal compreendidos e que esse pode ser o motivo. A alteração no processamento pode ocorrer de diferentes maneiras.

Os dados coletados foram analisados estatisticamente e verificou-se que as crianças com TEA apresentaram resultados inferiores nas variáveis avaliadas em relação às crianças com desenvolvimento típico. Na avaliação acústica os resultados sugerem que as crianças do grupo com TEA possuem alterações na variação da frequência grave e aguda (ZARATTIN, 2017, p.6)

Em suma, a pesquisa conseguiu identificar que dos cinco estudantes com Transtorno do Espectro Autista que participaram da pesquisa dois apresentaram um prejuízo significativo por questões sensoriais, um apresentou incomodo e dois aparentemente não se incomodaram. Pensar um política de inclusão para esse público que apresenta diversas especificidades exige uma mudança estrutural que depende da elaboração e aplicabilidade das políticas, não basta sinalizar na legislação se nada for mudado em questões administrativas e pedagógicas no cotidiano da escola.

## REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor Wiesengrund . *Educação e Emancipação*. Tradução de Wolfgang Leo Maar. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1995.

\_\_\_\_\_. Teoria da Semicultura. Tradução Newton Ramos de Oliveira In: Primeira Versão. Porto Velho, 2005

BRASIL. Secretaria de Educação Especial. *Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva*. Brasília, DF, jan. 2008

\_\_\_\_\_. *Lei nº 12.764, de 27 de Dezembro de 2012*. Institui a Política Nacional de

Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista; e altera o § 3º do

art. 98 da Lei no 8.112, de 11 de dezembro de 1990. Brasília, 2012. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2011-2014/2012/lei/l12764.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12764.htm)>. Acesso em: 10 ago 2016.

\_\_\_\_\_. *Lei nº 13.146, DE 6 DE JULHO DE 2015*. Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2015-2018/2015/Lei/L13146.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2015/Lei/L13146.htm)>. Acessado em: 15 ago 2016.

Entendendo o Autismo. *TEA: SENSIBILIDADE AUDITIVA PODE PREJUDICAR EM SALA DE AULA?*. Disponível em:< <http://entendendoautismo.com.br/artigo/tea-sensibilidade-auditiva-pode-prejudicar-em-sala-de-aula/>>. Acessado em: 20jul 2018

GOMES, Erissandra. *Hipersensibilidade Auditiva em Crianças com Transtorno do Espectro Autista*.

Dissertação (Mestrado) Faculdade de Medicina, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Rio Grande do Sul, p. 95. 2003

GOMES, Erissandra; PEDROSO, Fleming Salvador; WAGNER, Mário Bernardes. Hipersensibilidade auditiva no transtorno do espectro autístico. *Pró-Fono R. Atual. Cient.* vol.20 no.4 Barueri Out./Dez. 2008.

Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais [recurso eletrônico] : DSM-5 / [American Psychiatric Association ; tradução: Maria Inês Corrêa Nascimento ... et al.] ; revisão técnica: Aristides Volpato Cordioli ... [et al.]. – 5. ed. – Dados eletrônicos. – Porto Alegre : Artmed, 2014.

ZARATTIN, Vitoria de Assis. *Avaliação das características de linguagem e parâmetros acústicos em crianças e adolescentes com transtorno do espectro autista*. Dissertação (Mestrado) Faculdades de Ciências Médicas. Universidade Estadual de Campinas. Disponível em: <[http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/330533/1/Assis\\_VitoriaZarattinDe\\_M.pdf](http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/330533/1/Assis_VitoriaZarattinDe_M.pdf)> Acessado em: 23jul 2018

## **SOBRE O ORGANIZADOR**

Willian Douglas Guilherme : Pós-Doutor em Educação, Historiador e Pedagogo. Professor Adjunto da Universidade Federal do Tocantins e líder do Grupo de Pesquisa CNPq “Educação e História da Educação Brasileira: Práticas, Fontes e Historiografia”. E-mail: williandouglas@uft.edu.br



Agência Brasileira do ISBN  
ISBN 978-85-7247-434-4

